

UMA BREVE ANÁLISE DE 1 JOÃO 3:6

Sávio Lúcio dos Santos*

Cinco livros do Novo Testamento são atribuídos ao apóstolo João: O Evangelho de João, o Apocalipse e as chamadas Epístolas de João. Estes cinco livros, conhecidos como literatura joanina, contém três tipos de literatura encontrada no Novo Testamento: história, epístolas e apocalíptica. As três Epístolas estão incluídas no grupo de escritos neotestamentários denominados Epístolas Gerais.¹

Existem diferenças² entre o evangelho e a epístola de João, mas isso não constitui base sobre a qual fundamentar uma teoria de autoria diferente³, uma vez que o autor tinha propósitos diferentes ao escrever cada uma dessas obras. Ele escreveu o evangelho para incrédulos e a epístola para crentes. No evangelho os inimigos são judeus incrédulos, na epístola, os inimigos são cristãos professos.⁴

*Sávio Lúcio dos Santos é aluno do 3º ano de Teologia Bíblica no SALT-IAENE.

¹ Broadus David Hale, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento (IENT)*, (Rio de Janeiro: JUERP, 1986), 405.

² Apesar de algumas diferenças, uma leitura superficial do evangelho e da primeira epístola revela notáveis semelhanças entre ambos, tanto no conteúdo como na sintaxe R. W. Stott, *I, II e III João introdução e comentário (JIC)*, (São Paulo: Editora Vida Nova, 1985), 16.

³ Os pais da igreja indicam João como o autor das epístolas. Era costume na antiguidade o correspondente iniciar sua carta anunciando a sua identidade. Somente a Epístola aos Hebreus e a Primeira Epístola da João começa sem nenhuma informação sobre o nome ou o título do autor, e, na verdade, sem nenhuma saudação introdutória. Se se puder mostrar que (como é mostrado) alguma ou todas as epístolas foram escritas pelo autor do quarto evangelho, então, evidentemente, os argumentos em prol da autoria do evangelho serão igualmente aplicáveis às epístolas. Ver *JIC*, 13-16.

⁴ *JIC*, 40.

O texto do nosso estudo encontra-se na primeira epístola do apóstolo João capítulo 3 versículo 6.

O texto está em português na seguinte forma:

“Todo aquele que nele permanece não está no pecado. Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu”.

O motivo da escolha deste texto é que ele aparenta ter um problema textual.¹

Usaremos, para análise do texto, o método gramático histórico². Este visa buscar a verdadeira situação e o contexto psico-sócio-político contemporâneo da passagem bíblica, através do estudo da gramática e da história.

A datação das Epístolas joaninas é determinada pela datação do quarto evangelho. Conclui-se que estas epístolas de João foram escritas entre 70-90 d.C e talvez a década de 80-90 seria provável.

Como o quarto Evangelho, a outra literatura joanina saiu da área da Ásia Menor, que tinha como centro Éfeso. Portanto não há razão adequada para pôr-se de lado a tradição antiga de que Éfeso foi centro do qual a correspondência joanina saiu.³

¹ Ver comentário de Gerhard Kittel, *Theological Dictionary of The New Testament (TDNT)*, (Grand Rapids, Michigan: WM. B. Eerdmans Publishing Company), 1: 307. Devido a aparente contradição com I João 1: 8. Ver: *IENT*, 411-412.

² Ver detalhes deste método de interpretação em: Samuel Koranteng-Pipim, *Receiving the Word* (Berrien Springs, Michigan: Berean Books, 1996), 32.

³ *IENT*, 412.

Apesar da epístola de João ser considerada um escrito pastoral, não obstante, ele tem um propósito polêmico¹. O propósito de I João é, advertir os leitores acerca do perigo, para a fé cristã, das atividades e ensinamentos de homens heréticos.²

Havia, na época do apóstolo João, os hereges do “Gnosticismo”,³ cuja preocupação era libertar-se da “carne”, que eles consideravam a prisão da alma.

O verso 6 trata-se, pois, de uma oposição à doutrina e provavelmente à prática de hereges gnósticos.⁴

¹ JIC, 36.

² Alguns sugerem que I João seja um sermão ou homília, contudo o uso do verbo “escrever” (1: 4; 2: 1, 7, 8, 12-14, 21, 26), onde se esperaria encontrar o verbo “falar”, num sermão, indica a natureza epistolar da composição original, ela tem sentido de uma carta pessoal. Ver: *IENT*, 414.

³ “Gnosticismo” é termo amplo que abrange vários sistemas pagãos, judaicos e semicristãos. Os gnósticos pensavam que o mundo era mau e sem solução. Para eles, o conhecimento era a chave que libertava a verdade do ser divino desta prisão carnal maligna. Ver: Albert A Bell, Jr, *Explorando o Mundo do Novo Testamento* (Belo Horizonte: Editora Atos Ltda, 2001), 142. A filosofia gnóstica possuía as tradições da astrologia babilônica persa, da escatologia e tradição sapienciais judaicas e da filosofia helênica. Principalmente através da Ásia Menor o Gnosticismo influenciou o Cristianismo, sendo responsável por considerável parte das crises no I século AD. Ver Luiz Nunes, *Crises na Igreja Apostólica e na Igreja Adventista do Sétimo Dia (CI)*, (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1999), 26, 27.

⁴ Em determinadas comunidades cristãs primitivas, o auto-entendimento gnóstico vinculou-se rapidamente à consciência cristã de liberdade e expressou-se no orgulho daqueles que eram arrebatados e apoiados pelo Espírito. Esse tipo de entusiasmo surgiu pela primeira vez na comunidade de Corinto, fundada por Paulo, na qual os pneumáticos pensavam ter experimentado a perfeição pelo Espírito. Afirmavam a salvação definitiva na contemporaneidade (1 Cor. 4: 8) e a existência de uma força impecável neles, proveniente do batismo e da eucaristia (1 Cor. 10: 1-13). Por isso, não se deveria mais esperar uma perfeição futura, que adviria com a ressurreição dos mortos (1 Cor. 15: 12). Ver sobre o assunto em: Eduard Lohse, *Contexto e Ambiente do Novo Testamento* (São Paulo: Paulinas, 2000), 261. Ver também: Wilhelm Thüsing, *As Epístolas de São João* (Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983), 113. Kenneth L. Barker, *NIV Bible Commentary* (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1994), 2: 1095.

Sobre esta passagem William Barclay diz o seguinte:

O propósito imediato desta passagem aponta aos falsos mestres gnósticos. Como temos visto, os gnósticos apresentavam mais de uma razão para justificar o pecado. Diziam que o corpo é mal e que, por isso mesmo, não havia nenhum perigo em satisfazer suas luxúrias e saciar seus prazeres. Estes homens diziam que o homem verdadeiramente espiritual está tão protegido pelo Espírito, que podem pecar para satisfazer a seu coração, sem perigo algum.¹

O texto de 1 João 3: 6 sofre diferentes interpretações em diferentes versões no português, algumas dão o sentido de ato isolado², outras, dão o sentido de uma prática contínua³, ou também, um estado⁴.

Ver por exemplo:

Na Bíblia de Jerusalém encontramos: “*não peca*”.

Na Bíblia Tradução Ecumênica encontramos: “*não peca mais*”.

Na Almeida Revista e Corrigida encontramos: “*não peca*”.

Na Tradução Novo Mundo encontramos: “*não pratica pecado*”.

Na Almeida Revista e Atualizada encontramos: “*não vive pecando*”.

Na Bíblia na Linguagem de Hoje encontramos: “*não continua pecando*”.

Na Nova Versão Internacional encontramos: “*não está no pecado*”.

¹Ver William Barclay, *I, II, III Juan y Judas* (Buenos Aires: Editora La Aurora, 1974), 15: 87-88.

² Ver: *BJ, BTE, ARC, TNM*.

³ Ver: *ARA, BLH*.

⁴ Ver: *NVI*.

O texto no grego encontra-se na seguinte forma:

πᾶς ὁ ἐν αὐτῷ μένων οὐχ αμαρτάνει· πᾶς ὁ αμαρτάνων οὐχ εἴρακεν αὐτὸν οὐδὲ ἔγνωκεν αὐτόν.

Há palavras importantes no texto que merecem ser analisadas, como por exemplo:

O termo grego μένων¹, é um verbo que no texto é encontrado estando no presente do particípio² ativo, nominativo, masculino, singular (da a idéia de ação durativa).

αμαρτάνει³, é um verbo que está no presente do indicativo⁴ ativo, 3ª pessoa do singular (expressa ação contínua).

¹ μένω (permanecer), aparece 41 vezes no Evangelho de João; 23 na 1ª Epístola de João; 4 vezes na 2ª e 3ª Epístolas; e 68 vezes no Apocalipse. Ver James Richard Denham, *Concordância Fiel do Novo Testamento Grego/Português* (São José dos Campos, SP: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1994), 1: 498. Tem o sentido de: permanecer, ficar, morar, viver, continuar, insistir, esperar e aguardar. Ver F. Wilbur Gingrich, *Léxico do Novo Testamento Grego/Português* (São Paulo: Editora Vida Nova, 1984), 133.

² O particípio no presente expressa ação durativa, contínua e valoriza a qualidade da ação. Ver: Lourenço Stelio Rega, *Noções do Grego Bíblico (NGB)*, (São Paulo: Editora Vida Nova, 1995), 102. Ver também H. E. Dana y Julius R. Mantey, *Gramática Griega del Nuevo Testamento* (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1984), 212-225.

³ O termo se refere à prática do pecado e o conceito cristão do pecado acha em Paulo e João sua expressão mais plena e seu desenvolvimento teológico mais profundo de acordo com: Lothar Coenen, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2000), 2: 1605.

⁴ Expressa ação contínua ou num estado incompleto. É chamada ação durativa ou linear. Ver NGB, 17. A flexão do verbo ficaria: “*ele está pecando*”. Ver NGB, 18. Ver também: William Sanford LaSor, *Gramática Sintática do Grego do NT (GSGNT)*, (São Paulo: Editora Vida Nova, 1990), 41. Ver a frequência deste verbo no Novo Testamento em: J. Stegenga, *Concordância Analítica Grego-Espanhola Del Nuevo Testamento Grego-Español* (Barcelona: CLIE, 1987), 51. A ação continuada ou ação num estado incompleto é indicada pelo tempo presente e é chamada ação durativa ou linear. Esta qualidade de ação é descrita como estando em progresso, como acontecendo. Ver: W. C. Taylor, *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego* (Rio de Janeiro: JUERP, 1990), 13.

αμαρτάνων, é verbo que está no presente do participio¹ ativo, nominativo, singular (ação durativa).

ἔώρακεν, verbo perfeito² do indicativo ativo, na 3ª pessoa do singular.

αὐτόν³, aparece duas vezes no texto, é a forma contraída de ἐμαυτόν⁴, pronome acusativo, reflexivo, masculino na 3ª pessoa do singular.

ἔγνωκεν⁵, verbo perfeito do indicativo ativo, na 3ª pessoa do singular.

¹ O mesmo processo do verbo μένων (contínuo).

² O perfeito, em grego, transmite a idéia do efeito no presente como resultado da ação no passado, ou mais simplesmente, a idéia da ação completa. Ver: *GSGNT*, 51. Este tempo, no grego, é peculiar em sua função e não encontra correspondência em português. O tempo perfeito combina a ação pontiliar e a durativa por expressar, geralmente no indicativo, o efeito ou o estado no presente como resultado de uma ação no passado indicativo, assim uma ação completa. Ver *NGB*, 123. O perfeito indicaria o “ver” e experimentar os resultados contínuos do ter visto. Sobre o assunto ver Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego (CLNTG)*, (São Paulo: Editora Vida Nova, 1995), 587.

³ É um pronome que se refere ao sujeito de uma oração. A idéia reflexiva é expressa pelo pronome no caso oblíquo em português é: *me, te, se, nos, vos, se*. No caso sendo na 3ª pessoa, *se, si mesmo*. Ver com detalhes em *NGB*, 119-120.

⁴ Ver William Douglas Chamberlain, *Gramática Exegética do Grego Neo-Testamentário* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989), 73.

⁵ O verbo “ver” enfatiza o objeto, que aparece e é percebido pela visão mental; o verbo “conhecer” enfatiza, ou é desenvolvido gradualmente na experiência. Ver *CLNTG*, 587. Sua flexão ficaria: “ele tem conhecido” (ou não, como é o caso do texto). Interessante o comentário de Gerhard Kittel, diz que o termo grego ἔγνωκεν do texto tem haver com a crise gnóstica. Ver: *TDNT*, 1: 307 e 1: 711.

⁶ Ver: Edmond Hiebert, *The Epistles of John* (Greenville, South Carolina: Bob Jones University Press, 1991), 143-144. R. C. H. Lenski, *The Interpretation of The Epistles of St. Peter, St. John, and St. Jude* (Columbus, Ohio: The Wartburg Press, 1945), 11: 458. Kenneth S. Wuest, *The New Testament Na Expanded Translation* (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1994), 4: 569. H. D. M. Spenc, *The Pult Commentary* (New York: Funk and Wagnalls Company, 1913), 12: 90. Marvin R. Vicent, *Word Studies in The New Testament* (Peabody, Ma: Hendrickson Publishers), 2: 348. Todos estes exegetas confirmam que o que João estava tratando não era sobre a impossibilidade de pecar, mas sim, de uma vida entregue à prática do pecado.

Vejam os que dizem alguns exegetas⁶ sobre o texto:

Charles F. Pfeiffer comenta algo interessante:

Permaneçe... não vive pecando. Ambas as palavras estão no tempo presente e indicam o caráter habitual da pessoa. A pessoa que permanece em Cristo não é capaz de pecar habitualmente. O pecado pode fazer parte de sua existência, mas é a exceção e não a regra.¹

Archibald T. Robertson interpreta da seguinte forma:

Não continua pecando. Presente linear (μένων, linear, persiste em permanecer) de indicativo em voz ativa de ἁμαρτάνων - “não persiste em pecar”. *Todo aquele que continua pecando* (αμαρτάνων) - particípio presente (linear) articular em voz ativa como μένων mais em cima, “o que persiste em pecar”, vive uma vida de pecado, não meros atos ocasionais de pecado, como seria o sentido de hamartēsas (particípio aoristo em voz ativa). *Não o viu.* (οὐχ εώρακεν αὐτὸν) - Perfeito do indicativo em voz ativa de ὀράω. Se refere naturalmente, a uma visão espiritual, não ao sentido literal de ὀράω que se dá em 1 João 1: 18; 20: 29.²

¹ Charles F. Pfeiffer e outros, *Comentário Bíblico Moody* (São Paulo: Imprensa Batista Regulart, 1983), 5: 383.

² Archibald Thomas Robertson, *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento* (Barcelona: Editora CLIE, 1990), 6: 247.

R. N. Champlin, diz:

...essa frase está vazada no tempo presente, que dá a idéia de uma ação contínua. Portanto, fica subtendido o hábito do pecado, e a tradução portuguesa [ARA] que aqui temos dificilmente poderia ser melhor. Um crente peca, não tenhamos dúvidas; mas não vive dominado pelo princípio do pecado.¹

Robert H. Gundry, afirma:

No terceiro capítulo, a vigorosa linguagem acerca do fato que os crentes não vivem no pecado, não pode denotar impecabilidade, segundo se verifica em confronto com 1 João 1: 8 “Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós” (comparar com 1 João 1: 10 e 2: 1). Os verbos no tempo presente, no terceiro capítulo, no original grego, sem dúvida indicam que a conduta dos crentes autênticos não é predominantemente pecaminosa... Ora os gnósticos se jactanciavam de sua “liberdade cristã”, pela qual podiam praticar qualquer coisa que desejassem, incluindo a liberdade de pecar.²

¹ R. N. Champlin, *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo* (São Paulo: Editora Candeia, 1985), 6: 258.

² Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Vida Nova, 2001), 402, 403.

³ Ver explicação de F. F. Bruce, *The Epistles of John* (Grand Rapids, Michigan, 1979), 90.

Como podemos ver, o apóstolo João não está dizendo que é impossível para um crente cometer um ato ocasional de pecado¹, pois o gnosticismo e sua filosofia perfeccionista estava querendo infiltrar-se na igreja.

Como bem expressa Clifton J. Allen:

João é exato no uso dos tempos de seus verbos, e a plena força do tempo presente para expressar ação contínua deve ser enfatizada aqui. Além do mais, a força do particípio, para descrever a pessoa envolvida na ação, deve ser aplicada. O resultado é que temos, aqui, a descrição de uma pessoa que continua a cometer pecado, ou, como dissemos, alguém que vive no pecado. Os mesmos princípios se aplicam ao uso do presente do indicativo e do particípio, no decorrer de toda esta passagem. A não ser que os princípios sejam aplicados, descobrir-nos-emos interpretando João como se estivesse ensinando o perfeccionismo, que, na verdade, ele está combatendo, como, por exemplo, na declaração (v. 3: 9).¹

Deve ser notado também, duas coisas interessantes no texto. No Novo Testamento, *ἁμαρτίων* não descreve um ato específico de pecado, descreve sim, o estado do pecado do qual surgem os atos pecaminosos² e os dois verbos usados por João no texto (*ver e conhecer*) são comuns ao gnosticismo da época³.

¹ Clifton J. Allen, *Comentário Bíblico Broadman* (Rio de Janeiro: JURP, 1985), 12: 245.

² Ver: W. Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento* (São Paulo: Edições Vida Nova, 1985), 82.

³ O importante para o gnosticismo é o conhecimento – gnosis -, a compreensão das realidades que circundam o homem. Para chegar ao conhecimento, o gnóstico se aparta do método experimental, da ciência e apela para a visão de Deus, para uma espécie de superconhecimento. E o gnóstico chegará até a visão através de toda uma ascese, cheia de princípios filosóficos e morais, um dos quais é o célebre “conheça-te a ti mesmo”; é necessária uma iniciação aos mistérios. Ver: Francisco De La Calle, *A Teologia do Quarto Evangelho* (São Paulo: Editora Paulinas, 1978), 16-17.

Francis D. Nichol, sintetiza da seguinte forma:

Ou “não continua pecando” ou “não peca habitualmente”. O apóstolo se refere ao pecado constante, não a quedas ocasionais que qualquer cristão pode cometer (v. 2:1).¹

A escritora cristã Ellen G. White, que enfrentou algo semelhante,² em seus dias entendia bem esta questão quando afirmou:

“O caráter se revela, não por boas ou más ações ocasionais, mas pela tendência das palavras e atos costumeiros”.³

Conclusão

Diante da análise contextual e dos termos gregos principais, concluímos que João não queria ensinar nenhuma teologia perfeccionista para os cristãos

¹Francis D. Nichol, *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald Publishing Association, 1985), 7: 651.

²Depois de 1844, Ellen G. White enfrentou fanatismos de todas as espécies.... Entre muitos pontos de vista, havia um grupo que sustentava que os que se achassem uma vez santificados, não poderiam mais pecar. Este ensino falso estava operando grande mal entre eles mesmos e entre outros da Igreja. Ver: Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 3: 270, 271. Ela afirmou: “Tivemos, porém, elemento ainda pior a enfrentar em uma classe que pretendia estarem santificados, que não podiam pecar, que estavam selados e santos, e que todas as suas impressões e noções eram a mente de Deus.” Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas (ME)*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 2: 27. Este movimento foi em 1899, no Estado de Indiana, em Battle Creek e se chamava “Carne Santa”, este representou uma ameaça à unidade da Igreja, em uma área caracterizada por grande concentração adventista. Depois de um histerismo religioso eles achavam-se plenamente purificados de todo o pecado, não mais possuíam inclinações pecaminosas. Sobre o desenvolvimento deste, ver: *CI*, 84, 85. Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 199. Ver *ME*, 2: 31-35. Enoch De Oliveira, *A Mão de Deus ao Leme* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 122-123.

³Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 57.

primitivos, pelo contrário, estava advertindo-os dos hereges gnósticos. E que quando os advertia sobre a prática do pecado, não se referia a atos isolados, mas sim à prática contínua na vida do crente.

Quão importante a mensagem de João para a Igreja no seu tempo e quão importante para nós hoje.

Quão importante também é saber que o texto que serviu para combater os dardos do gnosticismo, é o mesmo que revela o remédio para nos libertar da escravidão do pecado. A permanência contínua e ininterrupta em Jesus.